

# territorium



13

Com o seu número 13, a **Territorium** inicia uma vida nova, inicia uma segunda série após doze anos de existência. Para o leitor habitual salientam-se, desde logo, as mudanças a nível de arranjo gráfico, tanto na capa, como nos textos, e a utilização da cor em figuras e fotografias, mudanças que desde há algum tempo se impunham. No entanto, as mudanças não se ficam pelo aspecto exterior. O alargamento temático, já antes assumido, consolida-se e intensifica-se com a abertura a novas áreas. A saúde, por exemplo, aparece pela primeira vez. A comunicação virá a seguir. Mantém-se, todavia, o que é essencial desde o princípio – a publicação de artigos sobre riscos com forte componente natural. Por isso, aqui se apresentam estudos sobre inundações rápidas em ambiente urbano e estudos sobre incêndios florestais. Crises deste tipo são recorrentes em Portugal, embora não deixem de se manifestar noutros países, por vezes, até com mais violência. É o que demonstra um trabalho que publicamos sobre as inundações daquele tipo que se têm verificado em Campinas, importante cidade do Estado de São Paulo, que nos traz de novo a assinatura de António Vitte, professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com quem, por meados do passado mês de Setembro, tive o gosto de visitar áreas afectadas e aperceber-me de que, nas próximas chuvadas intensas, tudo se poderá repetir.

O ano de 2005 voltou a ser dramático em termos de incêndios florestais. Embora em menor grau, 2006 ainda levou muita destruição às florestas ao Norte do país. Cada vez se torna mais necessário reflectir sobre eles, desde o modo como poderiam ter sido evitados até ao modo como puderam resistir ao combate que lhes foi movido. Três artigos sobre incêndios florestais enriquecem o presente número, sendo que dois deles trazem a assinatura do Presidente da Direcção da Riscos, Luciano Lourenço, que, além de investigador e professor conhecido pelos muitos trabalhos publicados nessa área, exerceu, ao longo da sua carreira, funções diversas relacionadas com a mesma, em especial no respeitante à Prevenção.

Com maior destaque em Lisboa, mas também noutras cidades, 2005 foi ano de comemoração dos 250 anos do terramoto de 1755. ImproPRIAMENTE chamado o “Terramoto de Lisboa”, até porque atingiu com igual ou maior intensidade áreas do Ribatejo, Estremadura, Alentejo, Algarve, Sul de Espanha e Norte de África, por si e pelo maremoto que originou, foi objecto de intervenções no II Encontro Nacional de Riscos, organizado no Porto pela nossa Associação, a 3 de Março de 2006, sob o lema “Gestão do Litoral. Realidade ou Utopia?”. Dois dos artigos agora publicados nasceram dessas intervenções, enquanto outro, que achamos por bem colocar em destaque neste renovado número da **Territorium**, voltado para o futuro, dedicando-se à análise das vulnerabilidades sociais dos desastres, ao focar a colina do Castelo de São Jorge, em Lisboa, tem subjacente essa grande catástrofe que ficou para sempre na História da Europa e continua a marcar a maior parte da bibliografia sobre riscos, que vai aumentando em todo o mundo.

Fernando Rebelo